



A garça grande está entre as preocupações de grupos ecológicos que criaram uma associação para proteger a bacia do Paranoá

## Fauna do lago atinge 180 espécies

As garças grandes certamente são bem mais cautelosas do que os fiscais do GDF. Desde 1961, quando foram fechadas as comportas do Paranoá e o lago recebeu seus 560 milhões de metros cúbicos de água — e até antes disso — que centenas destas aves brancas passam boa temporada por aqui, mas só deram “habite-se” a Brasília em 1986. Antes delas só vinham apreciar a estação das chuvas, pescar alguma coisa no Paranoá mas era só chegar a estação da seca e elas batiam asas em direção aos vales dos rios São Francisco e Paraná, onde tinham mais confiança para reproduzir e iniciar a criação dos filhotes.

Quem sabe bem destes caprichos das garças é o biólogo do Centro de Estudos de Migração de Aves do Ibama (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis), Paulo de Tarso, que há muito tempo goza da intimidade do convívio com as aves na região, realizando o controle das espécies. “A partir de 86 é que elas perceberam que a região do lago havia completado sua maturação biológica, tornando-se uma fonte de alimento segura para aves adultas e filhotes, criando coragem

para reproduzirem-se também por aqui”, revela o biólogo.

### Variedades

Como se soubessem que são merecedoras de tanta atenção — ganharam até o nome de associação, — as garças sobrevoadam vaidosas o lago, se reproduzem na área do zoológico e agora deram para se reunir, em alegre alvoroço, no córrego Baranal, perto da Embrapa, no Lago Norte. Para os leigos todas as garças são apenas garças, mas para os técnicos a população tem lá suas variantes: a garça grande, a garça pequena (ambas brancas), a garça real (de um pardo-amarelo, com capuz negro e bico azulado) e a garça moura (cinza-escuro, pescoço claro e bico laranja).

Mas a população aquática do Paranoá chega a 180 espécies, como os socós, que também são dois: o dorminhoco que só sai na boca da noite e talvez, por isso mesmo, em bandos) e o estudante (pequeno solitário e que estuda sabe-se lá o que). O talhamar é mais raro, mas fácil de ser identificado por seu modo curioso de pescar, como conta o pesquisador do IBGE, Bráulio Dias: “Ele faz um vôo razante, ríca a água com seu enorme bico e, com isso, atrai os peixes que acaba

pescando na volta”. Esperto, sem dúvida, mas não tão corajoso quanto o biguá, que desbanca até o martin-pescador: com a aparência de um pato negro ele mergulha até mais de dois metros para capturar seu peixe. E isso nas águas do lago, de qualidade extremamente duvidosa.

Cercado de rodovias, mansões, chácaras, edifícios e principalmente, vida humana, o lago ainda mantém em seus nichos ecológicos uma população imensa de pássaros que não são chegados à água, mas sobrevivem graças às matas ciliares. E o caso das pombas-rolas, tesourinhas, bem-te-vis e uma série de outros como *scytalopus novacapitalis*, que carrega este estranho nome científico porque foi encontrado, pela primeira vez, em Brasília; cinzento, pequenino e com este nome, os técnicos admitem, dificilmente se tornará popular. Seja lá como for, enquanto esta população toda estiver crescendo, tudo vai bem com as árvores, com o lago e com os peixes. Se diminuírem, dizem os técnicos, alguma coisa foi quebrada na cadeia alimentar. “Eles são uma espécie de campainha a nos alertar de quando algo está errado na cadeia alimentar” avisa Paulo de Tarso.